

5962
2011

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
SOBRE
O DESENVOLVIMENTO DOS OVULOS VEGETAES.
COMO
SE DEVE ENCARAR AS BOUBAS.
E
CALOR ANIMAL.

TRES PONTOS DADOS PELA FACULDADE DE MEDICINA
PARA

THESIS

APRESENTADA E SUSTENTADA A 13 DE DEZEMBRRO DE 1850

PELO

Dr. José Antonio Torres.

filho legitimo do

JOSÉ ANTONIO TORRES

Natural do Rio de Janeiro

FORMADO EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE.



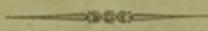
RIO DE JANEIRO.

TYP. BRASILIENSE DE F. M. FERREIRA, RUA DO SABÃO N. 114.

1850.

1/99

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.



DIRECTOR.

O EXM. SR. CONSELHEIRO JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

Os Sns. Dns.

I—ANNO.

Francisco de Paula Candido	Physica Medica.
Francisco Freire Allemão.	{ Botanica Medica, e principios elementares de Zoologia.

II—ANNO.

Joaquim Vicente Torres Homem.	{ Chimica Medica, e principios elementares de Mineralogia.
José Mauricio Nunes Garcia	Anatomia geral e descriptiva.

III—ANNO.

José Mauricio Nunes Garcia	Anatomia geral descriptiva.
Lourenço de A. Pereira da Cunha.	Physiologia.

IV—ANNO.

Luiz Francisco Ferreira, <i>Presidente</i>	Pathologia externa.
Joaquim José da Silva	Pathologia interna.
João José de Carvalho	{ Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therap., e Arte de formular.

V—ANNO.

Candido Borges Monteiro	Operações, Anatomia topogr. e apparatus.
.	{ Partos, Molestias das mulheres peçadas e pari- das, e dos meninos recém-nascidos.

VI—ANNO.

Thomaz Gomes dos Santos, <i>Examinador</i>	Hygiene, e historia da Medicina.
José Martins da Cruz Jobim	Medicina legal.
2.º ao 4.º M. F. P. de Carvalho	Clinica externa, e Anat. pathol. respectiva.
5.º ao 6.º M. de Valladão Pimentel, <i>Examinador</i> .	Clinica interna, e Anat. pathol. respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

Francisco Gabriel da Rocha Freire, <i>Examinador</i> .	{ Secção de sciencias accessorias.
Antonio Maria de Miranda Castro.	

José Bento da Roza	{ Secção medica.
Antonio Felix Martins	

Domingos M. de Azevedo Americano, <i>Examinador</i>	{ Secção cirurgica.
Luiz da Cunha Feijó.	

SECRETARIO.

Dr. Luiz Carlos da Fonseca.

A faculdade não approva nem desapprova as opiniões emittidas nas Theses que the são apresentadas.

À MEMORIA DE MEU PAI

O SENHOR

JOZE ANTONIO TORRES

DE MINHA MÃE

A SENHORA

DONA IZABEL FELISBINA CORDEIRO TORRES

DE MINHA MADRINHA

A SENHORA

D. JOANNA MARIA THERESA

DE MEU AVÔ

O SENHOR CAPITÃO

ROQUE ANTONIO CORDEIRO

Perdi-vos ! e para sempre, meu bom amigo ? Não pude nesta vida transitoria e cheia de amarguras, dar-vos o unico prazer que almejaveis, que era ver vosso neto formado !!!

Homem recto e verdadeiro, pai carinhoso, sempre desvelado na educação e augmento dos filhos e bom tutor? Era o meo mais ardente desejo, que visseis o fructo de meus trabalhos, e baldados forão?

Se Deos recompensa tantas virtudes, evidentemente, vós entre os justos estais collocado.

A MEU PADRINHO E BOM AMIGO

O ILL. SR. COMMENDADOR

MANOEL DE SOUSA TEIXEIRA

TENENTE-CORONEL E DIRECTOR GERAL DOS INDIOS DE CABO FRIO.

Agora que colho o fructo de meus trabalhos, justo he agradecer-vos o quanto por mim fizestes. Digno seria de censura se não reconhecesse o muito que vos devo, porque sempre em vós encontrei um segundo pai, de vós recebi sempre os necessarios soccorros para a continuação de meus estudos; em vós achei sempre um amigo fiel e desvelado na minha boa sorte. Confiado na nimia bondade que vos caracteriza ouzo offerecer-vos este insignificante resultado de minhas lucubrações.

O. D. C.

AOS ILLUSTRÍSSIMOS SENHORES COMMENDADORES

Manoel Antonio Airosa

Manoel Pinto da Fonseca

E EXM.^o TENENTE-CORONEL

Ricardo José Gomes Jardim

Exigua prova da alta consideração, estima e amizade que lhes consagro.

A MEUS COLLEGAS E INTIMOS AMIGOS

Os Srs. Drs.

José Paulo de Gouveia

José Mariano da Costa Velho

João Pereira de Azevedo

Antonio Fortunato de Brito Abreu Souza e Menezes

Francisco de Paula Travassos

Carlos Pereira de Azevedo

Marcelino Pereira da Silva Manoel

Gomides Xavier Rebello

A TODOS OS MEUS LENTES

Consideração e estima principalmente

AOS ILLMS. SRS. DRs.

FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO

LUIZ DA CUNHA FEIJÓ.

A MINHA EXTERMOSA E QUERIDA AVÓ

A ILLUSTRÍSSIMA SENHORA

D. MARIA ANGELICA CORDEIRO

Senhora se para comigo sempre foi cruel a fortuna, roubando-me os meus mais queridos parentes, de alguma sorte ao menos compensou-me das magoas, que me tem causado, conservando-vos para mim. Nenhuma falta até o presente tenho sentido se não a triste lembrança de não haver gozado as caricias dos authores de meus dias, pois que no mais tudo em vós tenho achado, já desvellada e cuidadosa em todas as vicissitudes da minha vida; já compartindo todas as alegrias do meu coração; já sentindo todas as penas de minha alma e depositando em mim a mais cega confiança até na gestão de vossos negócios.

Minha vida e minha educação litteraria tudo, tudo a vós o devo! e quem poderá compensar-vos de tanto? como poderei agradecer-vos? que expressões haverão assaz energicas para manifestar-vos as emmoções de minha alma? Só Deos para Elle apello e a Elle rogo pela vossa conservação e bem estar, d'Elle sòmente recebereis a recompensa devida, pois he alem das humanas forças retribuir-se tanto, e si me é licito offerecer-vos alguma cousa recebereis Senhora o meu coração prenhe de reconhecimento, e minha alma da mais sincera e devotada gratidão.

A MINHAS TIAS

AS SENHORAS

- D. Maria Francisca de Jesus Pacheco
D. Francisca de Paula Cordeiro
D. Rachel Maria Cordeiro dos Santos

Demonstração da estima que lhe consagro.

A MEUS TIOS E AMIGOS

OS SENHORES

- ANTONIO GREGORIO CORDEIRO
ROQUE ANTONIO CORDEIRO
JOSÉ VICENTE CORDEIRÔ
DOUTOR CARLOS ANTONIO CORDEIRO
JOÃO ANTONIO CORDEIRO
CLAUDIO ANTONIO CORDEIRO

Sincera demonstração da consideração em que os tenho.

AO MEU MUI DIGNO PRESIDENTE

O ILL. SR. DR.

LUIZ FRANCISCO FERREIRA

Tributo de respeito e agradecimento.

AOS MEUS AMIGOS EM GERAL

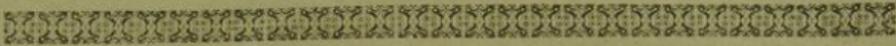
OS SENHORES

- FRANCISCO PIRES DOS SANTOS
JOSÉ DUARTE GALVÃO JUNIOR
MANOEL JOSÉ AMOROSO LIMA
APOLLINARIO DE SOUZA TEIXEIRA
ANTONIO MANOEL DE OLIVEIRA

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

SOBRE O DESENVOLVIMENTO

DOS OVULOS VEGETAES.



DESENVOLVIMENTO DOS OVULOS VEGETAES,

Desde sua origem, até a época da fecundação; sua structure, e movimentos que nelles se operão, com o fim de facilitar a impregnação: quanto fôr possível, demonstrado com exemplos de plantas do paiz.



Acerca do desenvolvimento dos ovulos vegetaes, muito se tem occupado ha quasi tres seculos, differentes capacidades, e á medida que os vão perscrutando, novos órgãos lhes vão achando, e por tal modo os tem estudado, e ennumerado suas differentes partes componentes, que si hoje não podemos afiançar, que temos de sua desenvolução conhecimentos completos, podemos dizer que são os mais exactos, e que por isso satisfazem a avides de nossa curiosidade em quereremos penetrar o mysterio da reproducção nos vegetaes. As noções que houverão até 1600, sobre o desenvolvimento dos ovulos, forão mui imperfeitas, e hoje de sua consulta pouco se aproveita.

Dessa epocha para cá devemos a Grew, e Malpighi, coetaneos, os primeiros trabalhos. Cada um de seu lado fez-nos conhecer, que o ovulo compunha-se de tres tunicas, uma exterior, com uma abertura natural, cujo fim era ventilar o embryão e dar passagem á radícula; a media, e a interna: Malpighi, chamou simultaneamente á externa, e media, segundinas, e vio uma massa cellulosa, enchendo toda a cavidade da membrana interna, que designou por chorium, no centro da qual existe uma especie de vaso longitudinal, que denominou cordão umbellical, no apice do qual vem a vesicula d'amnios, e d'ahi o embryão em sua cavidade. Dutrochet, escrevendo quasi dusetos annos depois, chamou ás tres membranas, lorica, enei-
lema, e tegmen. Não nos fallou no orificio que Grew, achou na lorica, e sobre que

tanto quizerão Geoffroy, Camerarius, e Morland, chamar a attenção, e a que Turpin, deo o nome de micropyllo.

Brown, tambem vio duas membranas ; testa, e tegmen, de Brogniart : e uma amendoa ; perisperma externo, e perisperma interno, de Treviranus.

Demerson, Boitard, Le Maout, Jussieu, e Saint Hilaire, mais ou menos adoptão as ideias de Mirbel, que tambem seguimos.

O ovulo é em sua origem um pouco de massa cellulosa, desprovida de envoltorios e de aberturas. Gradativamente seguindo seo desenvolvimento observamos, que sobre o placenta apresenta-se-nos uma pequena saliência, que vai aumentando e converte-se em um mamillo. Estes mamillos, que podem ser um, ou muitos allongão-se em uma massa ovoide, que se espessa a pouco e pouco, e são compostos de cellulas uniformes.

Em torno desta massa ovoide (nucleo) desenvolvem-se dous pequenos bordos circulares, um interno, (segundina) ; outro externo, (primina) : nem sempre se apresentão na mesma epocha, porém vão crescendo envolvem o nucleo, deixando superiormente um orificio, que constitue o micropyllo ; resultante da junção da exostoma, com a endostoma, e correspondente ao apice do nucleo.

É na primina que se insere o cordão umbellical, na orla inferior della, está a segundina, que circunda o nucleo pela base.

A chalasa base do ovulo, é o lugar em que o nucleo adhire a seus envoltorios externos ; esta mesma base continúa-se com a placenta e fórma o hilo : de ordinario é conhecida por saliência, expansão, ou mudança de côr.

Dentro do nucleo uma cavidade se fórma devida ás cellulas de que se compõe, dilata-se esta toma-lhe todo o contorno e constitue a tercina. A quartina é uma lamina de tecido cellular, formada algumas vezes em um tempo posterior em torno deste sacco, porém é tão rara que a maior parte dos Auctores, negão-lhe a existencia. Algumas cellulas de novo se desenvolvem, e constituem o sacco embryonario, a que tambem se chama quintina.

Temos chegado ao completo desenvolvimento do ovulo, porém necessario nos é fazer observar, que nem sempre se vê como mencionamos para o que apresentamos a herva de passarinho (*Loranthus vulgaris*) da familia das Lorantaceas : onde achamos o ovulo na maior simplicidade que é possivel, pois acha-se sem envoltorio nenhum e por isso que o mesmo nucleo, ou nucella é tercina e a cavidade a quintina. Com um só envoltorio constituindo a segundina temos a Noz (*Juglans regia*) da familia das Juglandias. Os ovulos que tem primina, e segundina, vemos na Baboza (*Aloes*) da familia das Liliaceas.

Aquelles em que achamos a primina, segundina, e tercina, como vimos no Abacate (*Persea gratissima* de Gaertn ou *Laurus Persea* L.) da familia das Laurineas.

A quartina si bem que o Professor Mirbel, a achasse em algumas plantas, com tudo tem sido sua existencia tão duvidosa, que outros Professores examinando-a ainda nas mesmas plantas em que Mirbel a achon não a encontrarão. Em quanto

a quintina é ella de tal sorte necessaria aos ovulos, que encontramol-a em quasi todos e nas Eugénias a Crenata (Cambóhi) ; a Cauliflora (Jabuticaba) e a Brasi-liense (Grumixama) na familia das Myrtaceas.

Aqui demos succintamente o que ha de desenvolvimento, estrutura, e origem dos ovulos vegetaes ; passaremos ora a tractar de seus movimentos.

Na primeira idade do ovulo, o hilo, e a chalasa correspondem se immediata-mente, e o micropyllo occupa a extremidade livre do ovulo ; porque todos começam por serem orthotropos, e á medida que se vão desenvolvendo vão-se tambem des-viando de suas posições primitivas.

Desenvolvendo-se o ovulo de modo a que o hilo e a chalasa occupe-lhe a base e se correspondão, e a exostoma fique opposta ; temos o ovulo orthotropo ou atropo : que vimos na herva de bicho (*Polygonum anti-hæmorrhoidale*) da fami-lia das Polygoneas.

Outros na occasião de sua desenvolução, um de seus lados tem nimio desen-volvimento, e o outro lado que pouco se desenvolve, curva-se, e como que se dobra uma metade contra outra, nestes ainda o hilo e a chalasa se correspondem, a differença é de se curvarem, nas Maravilhas, ou boninas, (*Mirabilis Jalapa*) da familia das Nyctagyneas, vimol-os, e derão-nos os ovulos campulitropos.

Vindo a exostoma quasi a tocar o hilo, ficando-lhe a chalasa opposta e sepa-rada por um raphe, que occupe toda a longura lateral do ovulo, como vimos no Mamono (*Ricinus communis*) da familia das Euphorbeaceas, temos os ovulos anatropos.

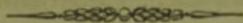
Veem-se finalmente ovulos que apresentam conjunctamente caracteres proprios aos anatropos e aos campulitropos, sendo nelles a exostoma contigua ao hilo, como nos anatropos, e a chalasa não se affastando do hilo, senão por um raphe muí curto : este desvio dos tres typos que apresentamos, como ainda não tem sido bem estudado, dá-nos os ovulos duvidosos.

Aqui apresentamos os variados movimentos, que os ovulos tem, com o fim unico, de seu micropyllo achar-se por modo tal collocado, que vindo a fovilla, através do tecido conductor do estilete até o ovario, possa-se insinuar pelo ovulo, e pôr-se em relação directa com a nucella.



AS BOUBAS

Serão uma metamorphose syphilitica, ou producto de um virus sui generis?



Antes de entrarmos em questão, necessario nos é dizer, o que se entende por boubas, onde ellas tem sua séde, os differentes nomes com que tem sido conhecidas, e a maneira porque vierão para o Brasil.

Boubas são pequenos tuberculos duros, que apparecem em differentes pontos da periphèria do corpo, com um typo particular.

Como muitas outras molestias as boubas tem sua séde na pelle, e apparecem de ordinario em torno do anus, nas partes genitales, nas axillas, commissuras dos labios, e não é raro invadirem algum outro ponto do corpo.

Reconhecem-se duas especies de boubas, que são a secca e a humida. A primeira começa por tuberculos duros, do tamanho de cabeças de alfinetes, cobertos de crostas superpostas: crescem, elevão-se em cone, destaca-se a epiderme, nota-se uma escara branca, donde nasce uma pequena eminencia, parecida a uma amora, variando em grandesa. A segunda tem o aspecto da psora ou sarna, differindo della por ter superiormente uma camada esbranquiçada, com o aspecto de toucinho cosido, e de que constantemente corre um liquido, ichor, e é mais ou menos profunda.

Alguem mais admite uma terceira especie, a que denomina bouça crystallina, dando-a como uma pústula crystallina e limpida, como a da vaccina, porém como se apresenta secca preferimos por isso dal-a como uma variedade das seccas, e não como uma especie differente. Chegão a seu ultimo desenvolvimento no fim de dous ou tres mezes, e parece-nos ser de sua propriedade, a mudança que causão nos pellos negros, que se achão em derredor destas excrescenças em brancos.

Do que consultamos sobre a historia desta enfermidade, colligimos que é ella originaria d' Africa, e endemica entre os negros, que as denominão gattoo ; que os Arabes dellas tiverão conhecimento, os Gregos tambem a virão na Sycosis ; que erão chamadas pian ou epian entre alguns povos, e mais geralmente reconhecidas por frambœsia, pela analogia que achavão entre ellas e os morangos ; nas colonias inglezas chamão-as yaws e tem sido descriptas por diversas maneiras.

Entre nós diz o Sr. Dr. Sigaud, — são ellas endemicas no Brasil, — no que não concordamos, pois que das boubas não temos conhecimento se não desde a epocha em que para o Brasil forão importados os primeiros Africanos ; e tanto é isto verdade que Alibert diz — Com quanto relatem que depois da ida de Christovão Colombo, em 1492, da ilha Guanahany, na America meridional a que aportára, se lhe declarasse na volta á sua patria, esta enfermidade, com modificações, devidas talvez á mudança de clima ; que é falsa e destituida de todo o fundamento semelhante conjectura, pois nunca existirão na America, e, si na America não erão conhecidas, como podem ser endemicas no Brasil ?

Attribuimos então esse flagello existir entre nós ás importações ; assim como muitas outras enfermidades com que temos sido victimados.

Do que havemos dito vê-se que são oriundas d' Africa, entre os negros de Guiné e proprias só da zona torrida.

As boubas são extremamente contagiosas, bastando para se transmittirem o contacto quer immediato como o que provém do coito, da amamentação, ou mediato servindo uma mosca para inocular o virus boubatico ; ou mesmo serem hereditarias.

Raras vezes se tem ellas apresentado em alguns brancos, respeitão tambem as outras classes, o mais comeseinho de se verem é nos negros.

Attribue-se-lhes isto á falta de limpeza, a máos alimentos e devassidão a que immoderadamente se entregão, accrescendo os trabalhos rudes a que são coagidos, a estarem constantemente expostos á insolação, a terem a pelle das mãos extremamente secca, a andarem descalços ficando por isto com as plantas dos pés laceradas, cheias de fendas, e algumas vezes escoriadas ; do que pela predisposição desenvolve-se-lhe o que vulgarmente chamão cravos.

Muitas vezes não se podendo manifestar o virus boubatico em incubação, qualquer solução de continuidade, é causa determinante para o apparecimento das boubas, e nos negros, em que a pelle do calcanhar é densissima, pois que nem a de todos fende, andando igualmente descalços, porém sim á aquelles que ás tem contrahido por algum dos modos que temos enunciado, degenerão em ulceras de um fetido insupportavel, dolorosas, e na maioria dos casos cobrem-se de crostas deneigradas e asquerosas, tornão-se as carnes lividas e corruptas, como mui bem diz Bernardino Antonio Gomes, em sua *Dermatographia*, que as ulceras podem ser salientes ou planas, rubro-granulosas de aspecto, de uma a tres polegadas de grandeza, cobertas de uma materia lardacea tenacissima, mui pouco dolorosas, e es-

palhadas pela face, tronco e extremidades ; sendo no principio como cabeças de alfinetes, um tanto molles e como nucleosas, tornando-se no decurso de algum tempo, desiguaes, achatadas, indolentes e superficialmente ulceraveis, com a duração de mezes.

A ultima bouba que se desenvolve, de ordinario é maior do que as mais, e é conhecida por *mama-piam*, ou *may* das boubas : assim como é a ultima a sarar.

Mui prolixos temos sido, e mais seriamos se nos sobrasse tempo, e se do ponto capital, de que tanto nos havemos desviado, não houvessemos de tractar : o que ora faremos, e nosso juizo emittiremos a respeito.

Muito abalo causou na Europa, o apparecimento desta enfermidade, propria da zona torrida, e endemica de Guiné, aos medicos francezes e inglezes, que para combatel-a, recorrerão a todas as classes de medicamentos, empregando isolada ou simultaneamente os purgativos, unções, banhos, cauterios, etc. Sabião que era uma das dermatoses verulosas, e fôra conhecida na meia idade, por *variola magna*, e como não obtivessem resultado com as medicações empregadas, por zombar a enfermidade de suas tentativas ; recorrerão aos diaphoreticos, colhendo delles pouca ou nenhuma vantagem, começarão por associar-os aos compostos mercuriaes ; em alguns casos ia cedendo ; porém não como pensárão. Insistirão em sua applicação por julgarem que seria uma das faces com que se apresentaria a *syphilis*, pouco satisfactorios forão ainda seus ensaios.

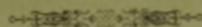
A vista do exposto esta questão parece á priori de facil solução, porém devidamente considerada, reconhece-se sua gravidade e nimia importancia, e que merecia ser tratada por penna mais habil que não a nossa : tanto mais que auctores de consulta quasi que nenhuns encontramos, e de pratica, a poucos casos temos assistido, que nos fornecessem conhecimentos taes, que bem elucidada nossa razão a semelhante respeito, poderemos com toda a segurança propriamente fallar.

Entre tanto se observarmos, que a *syphilis*, dadas as mesmas circumstancias individuaes, attaca do mesmo modo a todas as classes, (o que não succede com as boubas,) que a *syphilis* existe por toda a parte, e as boubas são endemicas entre os negros de Guiné, e apparecerão na Europa importadas, como aconteceo entre nós, quando já ahi existia a *syphilis* ; si observarmos mais que aqui se vê a *syphilis* por toda a parte e debaixo de tão variados aspectos, e que raros são os casos de boubaticos, ao passo que esta enfermidade abunda mais nos habitantes do campo, onde se não veem tantas molestias *syphiliticas* ; si dado um individuo saturado de *syphilis*, vemos desenvolverem-se bobões, cancrios, e ulceras venereas, e mais symptomas proprios do virus *syphilitico*, porém nunca boubas, excepto si dellas tem sido contagiado ; si attendermos a que em um boubatico apparecem outros symptomas, que caracterisão a existencia destes virus, como sejam cravos, fendas, e ulceras, tudo com um aspecto que lhe é peculiar, si finalmente virmos que todos os soffrimentos *syphiliticos* se reproduzem, no entanto que as boubas attacão uma só vez, apesar de que depois se manifestem nas soluções de continui-

dade, traços da existencia desse virus, como para demonstrar, que o individuo já dellas fôra affectado, e de mais sendo o tractamento anti-syphilitico de per si só insufficiente para debellar as boubas, tornando-se indispensavel a caróba, (*Bigonia copaia d'Aublet*) substancia esta, que só é sufficiente para o curativo das boubas, applicada tanto interna, como topicamente, e de que a syphilis zomba; por todas estas razões que trazemos expendidas, não podemos deixar de acreditar, e mesmo somos forçados a crer, que as boubas são o producto de um virus sui generis, e não uma metamorphose syphilitica.



CALOR ANIMAL.



A propriedade que tem os seres dotados de vida, de se conservarem em uma certa e determinada temperatura; isempta das alterações que possam haver no meio ambiente, é o que entendemos por calor animal.

Entre estes seres uns ha de sangue quente, e outros de sangue frio, porém limitamo-nos a tractar medica e não zoologicamente do calor animal, pelo que fazemos abstracção de todas as comparações, tomamos o homem, e delle tractaremos no estado physiologico, e de suas aberrações constituindo o pathologico; de sua séde, e differentes hypotheses sobre as causas de sua producção.

O homem essencialmente cosmopolita, foi organizado para poder por sua industria resistir a todas as alterações atmosphericas, e habitar em todos os pontos do globo, e é o unico ente que goza de semelhante privilegio. Descendo pois delle vemos, que animaes ha, que cahem em hibernação, outros que com a visinhança do frio, abandonão um lugar e vão para outro; outros finalmente forão dotados de pellos mui longos e densos para se poderem preservar dos rigores hibernaes.

No estado normal deve o homem ter na peripheria de seu corpo differentes gradações, conforme estiverem mais ou menos preservadas essas mesmas partes. Conforme Muller tem nas axillas 98° do thermometro de Far., nas verilhas 96° 5', nas coxas 94°, nas pernas 91 — 93°, na planta do pé 90°. Nas partes internas accessiveis aos instrumentos, como bocca, recto, &c.: achou de 36, 50° a 37°; do thermometro centigrado; 29° 20' a 29 60 do de Rheumur, e do de Farenheit 97, 7^a a 98, 6. Nystem diz, que se avalia o calor animal em 32° R., 40° do C., e 104° do de Far.; mas que o calor no homem é de 29° 1/3, que orça por 36, 50, do centigrado ou 98 do de Far., e que si por acaso, se soffre alguma diminuição no calor, é apenas de um a dous grãos.

As extremidades são sempre as primeiras a soffrer por ir diminuindo do coração para ellas a temperatura dos systemas arterial e venoso, assim as phalanges, dedos sobretudo dos pés, nariz, ouvidos, e nos lugares em que a pelle é mui delgada e acha-se sobre cartilagens.

Nos primeiros tempos da vida os tecidos são menos densos, menos solidos, a nutrição é mui pouco activa, porém a temperatura tem meio gráo mais conforme observou Davy, nos meninos, é de 34 a 35° centigr.

Os adultos não sentem as alterações e resistem. Os velhos pelo contrario quasi servem de barometros e ressentem-se com nimia facilidade, pela secura dos tecidos, pela diminuição de energia na nutrição, e pela pouca conductibilidade e permeabilidade, como o provão as experiencias de Edwards e Gentil.

Os homens magros e nervosos sentem muito, os gordos e sanguineos, pouco soffrem, porém nas mulheres é mui sensível a variação de temperatura, pelas observações feitas em uma moça com meio gráo de menos do que dous moços, e um bilioso com um gráo mais do que um sanguineo, por Edwards e Gentil. E em geral, que em um mesmo individuo, attento a idade, a saude, a doença, e o estado de força ou fraqueza, a temperatura variava.

Collocavão os antigos a séde do calor no coração, e que o sangue desta viscera se encarregava de o disseminar por todo o corpo. Hippocrates, dizia que um calor innato era primitivamente junto no ventriculo direito do coração, que as aurículas servião de folles, para levar-lhe o ar, e o sangue dahi tirava o calor para derramal-o por todo o organismo. Galleno em sua physiologia, admittia o espirito implantado, mantido pelo humido radical, e reanimado pelo ar da inspiração. Descartes, cria uma ebulição do sangue no coração. Van Helmont, e Silvius del Boé, acreditavão uma effervescencia do sangue no coração. Vieussens, dizia uma fermentação deste fluido. Acreditavão outros haver dentro em nós, uma fornalha, cujo fumo era lançado pela trachea arteria, e que a inspiração servia para refrescar o sangue, e que a maior parte do calor innato era expellido com o ar expirado, e a menor parte ir ao ventriculo esquerdo, e dahi a todo o organismo. Os chimicos modernos collocão-a no pulmão, e dizem Lavoisier, e Laplace, ser o resultado de uma verdadeira combustão, produzida no pulmão, pela combinação do oxigeneo do ar, na inspiração, com o carbono do sangue; e é lançado acido carbonico na atmosphaera pela expiração. Dulong, e Despretz, tambem attribuirão a uma verdadeira combustão, com a differença porém de haver um excesso de calor, que se não podia determinar pela quantidade de oxigeneo. Pelletan diz, que todas as vezes que os corpos reunidos passam de uma combinação menos intima, a uma mais intima, ha desprendimento de calorico.

Chaussier, cria uma propriedade vital. Bichat, admite o calor introduzido no corpo pela respiração, digestão e absorpção cutanea, combinando-se com o sangue, e circulando com elle, desprende-se no systema capillar por uma especie de exhalção subordinada á influencia das forças vitaes, e diz ser a calorificação uma

função physiologica, como o é a secreção, não negando que os nervos tem sobre a producção do calor vital uma acção particular.

Dumas, Boussaingault e Liebig, dizem que a calorificação é resultante da combinação do oxigeno com o carbono de nossos tecidos, e uma pequena quantidade de hydrogeneo, de que resulta que a combustão não se opera no pulmão, porém sim nas partes mais delgadas do trama organico. O calor animal resulta da acção simultanea e reciproca do oxigeno do ar, e das substancias alimenticias.

O ar entra no pulmão pela respiração; ora o ar é composto de 21 partes de oxigeno, 79 de azoto, &c. Uma grande parte do oxigeno, se fixa sobre os globulos do sangue, e da-lhes uma bonita côr rubra, uma pequena porção, mistura-se com o hydrogeneo e dá agua. O azoto e o excedente do ar não decomposto, sahe pela expiração, misturados com agua e acido carbonico vindo do sangue venoso, e que se escapa dos pulmões. O sangue tornado rubro penetra no ventriculo esquerdo do coração, que o lança logo para todas as partes do corpo, nesta acção o sangue venoso fixa o oxigeno e torna-se arterial sem produzir combustão como se pensava. O oxigeno levado pelos globulos vermelhos acha-se em contacto com as moleculas atómicas da materia organica. Estas em grande numero contém carbono que combinando-se com o oxigeno forma acido carbonico, que se dissolve logo na parte fluida do sangue. Esta combinação imperceptivel a nossos sentidos, produzida no interior do organismo, desenvolve calor, que renovando-se sem cessar, mantem-nos em uma temperatura constante, apesar das perdas que sempre temos.



HYPPOCRATIS APHORISMI.



I.

Vita brevis ; ars longa, occasio præceps, experientia fallax, iudicium difficile.
(Sect. 1.^a, Aph. 1.^o)

II.

Naturæ, aliæ ad ætatem, ad hiemen aliæ bene vel male sunt comparatæ. (Sect.
3.^a, aph. 2.^o)

III.

Latæ pustulæ non ad modum pruriginosæ. (Sect. 6.^a, Aph. 9.^o)

IV.

Ulcera acri sanie circumfluentia, mali moris sunt. (Sect. 6.^a, Aph. 4.^o)

V.

Quæ crescunt multum caloris habent insiti : plurimo igitur opus habent cibo :
sin minus corpus extenuatur. (Sect. 1.^a, Aph. 14.)

VI.

Mutationes temporum potissimum, pariunt morbos et in ipsis temporibus ma-
gnæ mutationes aut frigoris aut coloris : et alia pro ratione eodem modo. (Sect.
3.^a, Aph. 1.^o)

Esta Theze está conforme os Estatutos. — Rio de Janeiro 23 de Novembro de
1850.

Dr. Luiz Francisco Ferreira.